

# Dostoiévski e o parricídio: de Freud ao nosso tempo' (Uma releitura)

Ignácio A. Paim Filho<sup>2</sup>

*Digo-lhe a meu respeito: sou um filho do século, filho da descrença e da dúvida, e o tenho sido até hoje (e sei) inclusive que o serei até a morte. Que suplícios terríveis me têm custado e custa até hoje esta sede de crer, que é tão mais forte em minha alma quanto mais numerosos são em mim os argumentos contrários.*

Dostoiévski, 1854 – carta a N. D. Fonvızina.

**Resumo:** Este artigo tem por meta repensar o parricídio a partir das ideias desenvolvidas por Freud em 1928 [1927], no trabalho “Dostoiévski e o Parricídio”, tomando como ponto de referência o romance familiar dos Irmãos Karamazov. O autor propõe uma ampliação do pensamento freudiano, desenvolve algumas ideias a respeito da antítese complementar do parricídio: o filicídio. Esse que será determinante nos destinos do vir a ser do desejo parricida.

**Palavras-chave:** parricídio; filicídio; narcisismo; Irmãos Karamazov.

Todos nós sabemos do fascínio que os escritores criativos despertavam em Freud, do quanto atribuía a eles uma capacidade única de adentrar no universo do inconsciente e, de lá, nos trazer, de modo poético, as grandes verdades da psique. Sua obra se faz acontecer, desde as origens, permeada pelos ditos dos mais variados pensadores, dentre os quais destaco Sófocles, com Édipo-Rei; Shakespeare, com Hamlet; e Dostoiévski, com Os irmãos Karamazov. É importante ressaltar que essas escrituras foram consideradas por Freud como “[...] três obras-primas da literatura de todos os tempos” (1928 [1927]/1969, p. 217).

Dentro do meu objetivo de desenvolver um pensar sobre as narrativas, deste que foi chamado por seus biógrafos “O profeta da literatura russa” e as postulações freudianas, tomarei como ponto de partida o trabalho *Dostoiévski e o parricídio* (Freud,

<sup>1</sup> Trabalho original publicado na Revista do CEP de PA (2005, v. 12). Revisto e ampliado – uma releitura.

<sup>2</sup> Psicanalista, membro pleno do CEP de PA, membro titular e didata da SBP de PA, professor convidado da pós-graduação em psicologia clínica da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

1928 [1927]). Freud, o pensador da cultura, iniciará esse artigo dizendo: “Quatro facetas podem ser distinguidas na rica personalidade de Dostoiévski: o artista criador, o neurótico, o moralista e o pecador. Como encontrar o caminho nessa desorientadora complexidade?” (Freud, 1928 [1927]/1969, p. 205). Percebo nessa indagação a prova de uma missão impossível, o caminho possível é o próprio Freud que indica, quando adverte do risco que corremos ao fazermos uma análise selvagem, propondo-nos a “analisar” um sujeito fora do *setting* analítico. Penso que Freud incorreu nesse erro, talvez pelas sérias restrições que tinha em relação ao homem Dostoiévski, pelo qual não nutria a menor admiração. Eis algumas de suas palavras a Theodor Reik, que faz uma crítica a respeito da sua análise sobre este criador:

*Você tem razão, também, em desconfiar de que, a despeito de toda a minha admiração pela intensidade e preeminência de Dostoiévski, de fato não gosto dele. Isso se deve a que minha paciência com as naturezas patológicas está exaurida na análise. Na arte e na vida, não as tolero. Trata-se de traços caracterológicos que me são pessoais e não obrigam a outros.*

(Reik, 1929/1969, p. 226).

Com isso em mente, pretendo exercitar um pensar sobre o escritor criativo, tendo como objeto de reflexão o livro *Os irmãos Karamazov*. Porém, antes de nos aprofundarmos na tragédia vivida por esses irmãos, é relevante conhecermos alguns dados biográficos do autor, sobretudo se compartilharmos a ideia de que a escrita de cada um de nós desvela e encobre uma verdade que vai mais além do consciente, uma verdade que remete ao inconsciente, ao universo do desejo. Nesse sentido, convido o leitor para verificar, a partir de suas próprias percepções, o quanto das várias facetas de Dostoiévski – o criador, o neurótico, o moralista e o pecador – existe em seus personagens.

Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski nasceu em 30 de outubro de 1821, em Moscou, filho de Maria e Mikhail Dostoiévski. Tinha um irmão mais velho, chamado Mikhail. Sua vida será marcada pelo trágico: a mãe morre de tuberculose, em 1837 (16 anos), seu pai é assassinado pelos servos da sua propriedade rural em 1839 (18 anos). Em 1847, então com 26 anos, envolve-se com um grupo socialista que culminará com sua condenação à morte pelo czar Nicolau I. Cabe sublinhar que o perdão dado pelo czar, que comutou sua pena para serviços forçados na Sibéria, de 1850 a 1854, e o exílio até 1860, só foi comunicado no exato momento da execução. Em 1857 (36 anos), casa-se com a viúva e tuberculosa Maria Dmitrievna, que morre em 1864. Neste mesmo ano, morre o irmão. Em 1866, escreve *Crime e castigo*, logo em seguida começa a escrever *O jogador*. Em função da urgência de entregar este romance ao seu editor, pois estava ameaçado de perder todos os seus direitos autorais caso não entregasse na data prevista o dito romance, conhece sua segunda mulher, a estenógrafa Ana Grigórievna, com quem casa um ano depois (46 anos). Em 1868, nasce sua filha Sófia, que morre com três

meses; em 1869, nasce sua filha Liubóva; em 1871, nasce seu terceiro filho, Fiódor; e, em 1875, nasce seu último filho, Alexei, que morre em 1878, aos três anos, vítima de crises de epilepsia. Neste ano, em pleno luto pela morte do filho, começa a escrever *Os Irmãos Karamazov*, que será publicado em 1880.

No dia 28 de janeiro de 1881, com 59 anos, morre vítima de hemorragia intestinal, em São Petersburgo. Seu velório e enterro foram acompanhados por milhares de pessoas, apesar do reconhecimento modesto que obteve ao longo da sua carreira. “O profeta da literatura russa”, que virá a ser reconhecido como aquele cuja obra transformou a representação da alma humana, não atingiu sucesso na vida, pois viveu afundado em dívidas, muitas delas produto do jogo, e acometido de crises epilépticas (CULT, 2002).

Após este abreviado recorte acerca da biografia desse russo, filho do século XIX, regressemos às minhas divagações sobre o livro que pode ser considerado uma espécie de testamento de Dostoiévski, o grande representante do que Mikhail Bakhtin chamou de polifonia<sup>3</sup>, o romance familiar dos Karamazov. Neste romance, temos a seguinte narrativa: “O reino dos Karamazov” (Carpeaux, 2002) é constituído pelo pai Fiódor, caracterizado como violento, despótico e tirano, pela crueldade exacerbada que exerce, de forma diferente, mas com todos os seus filhos e com suas mulheres. Escutemos a imagem que é traçada na primeira página do livro: “[...] era o tipo estranho, embora bastante frequente, da criatura vil e corrompida, ao mesmo tempo desprovida de tino, mas que sabia arrancar perfeitamente seus negócios proveitosos, e nada mais” (Dostoiévski, 1880/2002, p. 17). De forma sintética, sinto-me autorizado a dizer: Fiódor, o escritor, descreve Fiódor, o patriarca dos Karamazov, como um sujeito estuprador e libertino, em que o outro, com sua singularidade e desconsiderado, em cujo reino vigora uma moralidade perversa, determinando aos seus descendentes o destino de uma loucura criminosa. Contexto propício para que seus descendentes façam jus ao nome herdado do pai: Karamazov – Kara/castigo/punição; mázat/ sujar/não acertar – “[...] aquele que, por seu comportamento inconveniente, provoca a própria punição” (nota tradutores, 2002, p. 13). Possibilidade de legitimar a anterioridade do filicídio em relação ao parricídio? Deixemos em suspenso, retornaremos posteriormente a esta questão.

Dimitri (Mítia/ o neurótico), o primogênito, tem como mãe Adelaida; seus pais mantêm um casamento marcado pela agressão mútua e pelas tentativas de Fiódor de se apossar da herança da esposa; essa união termina com a fuga dessa jovem mãe com um seminarista. Com isso, vai ocupar o lugar da prostituta e louca que morrerá de fome, consumida pelo tifo. Mítia, quando da fuga da mãe, tinha três anos e foi literalmente

<sup>3</sup> Termo cunhado por Bakhtin para caracterizar a existência, nos romances de Dostoiévski, de uma multiplicidade de vozes e de consciências independentes e não misturadas. Propõe a autonomia dos personagens em relação ao autor. Ideia instigante, porém questionável desde um olhar psicanalítico, em especial neste romance familiar, repleto de pegadas que evocam a história do criador.

esquecido pelo pai, sendo criado por um serviçal (Grigóri) e, mais tarde, por um primo materno. Um dos eixos do romance se dá em torno da disputa, de pai e filho, pelo amor de Gruchneka; em nome dessa mulher é explicitado todo o ódio parricida e filicida, que fará Dimitri ser o porta-voz do desejo de matar o pai. Isso determinará e dará sustentação ao julgamento e à condenação de Mítia pelo ato parricida, que foi executado de fato pelo filho bastardo do velho Karamazov – Smerdiákov.

Ivan (o criador), o segundo filho, tem como mãe Sófia, uma mulher frágil e sensível, que casa aos 16 anos com Fiódor, para fugir de uma “mãe adotiva” (benfeitora) tirana. Porém, mal sabe ela que irá se reencontrar com essa mesma tirania no “reino dos Karamazov”; entre tantas outras coisas, destaca-se o fato da sua casa ser o palco das mais variadas orgias sexuais. Esta jovem mulher e mãe cai vítima de uma doença nervosa feminina, que lhe valeu o codinome de a “possessa”, tendo terminado seus dias aterrorizada e louca. Após a morte da mãe, Ivan (7 anos) e seu irmão Alieksiéi (4 anos) foram também esquecidos pelo pai, sendo acolhidos pelo serviçal Grigóri, até que a mesma “benfeitora” da mãe assumiu a responsabilidade pelos cuidados destes órfãos. Ivan tornou-se intelectual, ateu e um teórico niilista que tinha como premissa a inexistência de Deus, sendo um defensor do “tudo é permitido”, tese cujo clímax está descrito na lenda do “Grande Inquisidor”. Este é o filho que será o autor intelectual do parricídio; ele dará o roteiro do crime no qual Smerdiákov executará o ato assassino e Dimitri será responsabilizado. Contudo, este que advoga a tese do “tudo é permitido” terá que se haver com o peso da culpa, que determinará seu encontro com a loucura. Temos uma bela representação da alienação de Ivan no diálogo alucinatório que estabelece com o Diabo.

Alieksiéi (Aliocha, o moralista), o terceiro filho, é eleito por Dostoiévski para ser o herói do seu romance. Parece-me que, diferentemente dos demais irmãos, nele o conflito não está aparente; acredito que Aliocha seja mesmo humano, um verdadeiro personagem angelical. Este cristão esperançoso é um noviço que vai encontrar guarida em um mosteiro, na cidade paterna, onde se depara com o monge Zósina, que, com ele, estabelece forte ligação paterna. De certa forma, este herói pueril, de aparência feminina, era a antítese do irmão Ivan; estava convencido da existência de Deus e da imortalidade. Portanto, tem a necessidade de manter-se sob os princípios morais enunciados nos mandamentos religiosos. Através do monge-pai, recebe a missão de buscar a harmonia no “reino dos Karamazov”, pois sabe que existe uma forte probabilidade, ou melhor, a certeza de que o parricídio será executado. Aliocha carrega o peso de estar comprometido de ser o “salva-dor”.

Smerdiákov (o pecador), o filho mais novo, o bastardo, sofria do mal da epilepsia. Sua mãe, Lisaveta, era débil mental; vivia pelas ruas quando foi violentada por Fiódor Pávlovitch. Lisaveta morre no parto; seu filho vai ser criado pelo serviçal Grigóri e sua mulher. Mais que esquecido pelo pai, este foi aquele que nunca foi lembrado. Smerdiákov,

o fedorento, conforme a origem do seu nome, jamais foi reconhecido pelo pai; viveu até o ato parricida como criado do patriarca dos Karamazov. Como já sabemos, o filho bastardo foi o braço executor do parricídio coletivo, provavelmente a causa última do seu suicídio.

Após essa breve síntese sobre o *crime e castigo* nos *Irmãos Karamazov*, vejamos, primeiramente, porque Freud o considerou “[...] o mais grandioso romance jamais escrito” (1928 [1927]/1969 p. 205). Freud, em 1897/1986, em uma carta a Fliess, vai nomear pela primeira vez o que virá a ser o complexo de Édipo (1910), vendo neste uma marca constitutiva e fundante do humano. No decorrer de toda a sua obra, buscará dar sustentação a essa premissa, fazendo do *homo sapiens* um sujeito prisioneiro de seus desejos parricida e incestuoso; todos fomos Édipo:

*Cada pessoa da plateia foi, um dia, um Édipo em potencial na fantasia, cada uma recua horrorizada, diante da realização de sonho ali transplantada para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do estado adulto.*

(Freud, 1897/1986, p. 273).

Podemos destacar a importância perene desse complexo no pensamento freudiano quando, no final da vida, em seu último trabalho, publicado postumamente em 1940, escreve:

Aventuro-me a dizer que, se a Psicanálise não pudesse gabar-se de mais nenhuma realização além da descoberta do complexo de Édipo reprimido, só isso já lhe daria direito de ser incluída entre as preciosas novas aquisições da humanidade (Freud, 1940 [1938]/1969, p. 221).

Freud, estimulado por Édipo-Rei, vai inventar a família edípica, sendo esta responsável pela estruturação do sujeito e da cultura. Falando em família, Freud (1900/1969) vai encontrar, novamente, na literatura, mais um exemplo que conferirá ancoragem para buscar a universalidade do conflito edípico. Desta vez, seu interlocutor será Shakespeare, através da tragédia dos “hamlets”. A história narra o drama edípico do príncipe dinamarquês, que se vê paralisado diante da determinação do espectro do pai, que lhe impõe a tarefa de vingar o próprio assassinato, cometido por seu tio Claudius, que se apropriou do reino e casou-se com a rainha viúva. Freud sustentará a tese de que a impossibilidade de Hamlet executar o designio paterno se deve ao fato de Claudius ter realizado, em ato, aquilo que Hamlet desejava na fantasia: matar o pai e casar-se com a mãe, a personificação de um filho culpado, culpado por seus desejos parricida e incestuoso.

Portanto, com *Édipo*, do grego Sófocles (435 a.C.), e *Hamlet*, do inglês Shakespeare (1601), o austríaco Freud conquista a sua meta de demonstrar o lugar do complexo de Édipo mais além da clínica, que vai lhe dar condições para que, em 1913, escreva

o trabalho *Totem e tabu*, em que construirá a teorização a respeito desse complexo, quando formula que a ontogênese repete a filogênese. Neste trabalho de 1913, que pode ser considerado uma proposição de uma antropologia psicanalítica, nos deparamos com a seguinte assertiva: no início dos tempos existia uma horda primeva, governada por um macho violento, despótico e ciumento, que mantinha para si todas as fêmeas e expulsava os filhos homens à medida que cresciam. Certo dia, esses machos que viviam no exílio voltam, matam e devoram o pai; após este duplo ato, determinam a criação de um totem (representante da figura paterna) e dois tabus: a proibição do assassinato do totem (parricídio) e a proibição do acesso às mulheres do pai (incesto). Diante do estabelecimento do totem e do tabu, dar-se-á o caminho da endogamia para a exogamia. Essas duas grandes leis estão na base de toda a organização social e psíquica. Na esfera psíquica, se fazem presentes no desejo parricida e incestuoso, que é interdito pela força do recalçamento. Aqui, lembramos o adágio freudiano de que só há proibição onde há desejo; e mais, a presença de sentimentos idênticos (desejos) na vítima e no carrasco, base de todo código penal humano.

De posse desses dados, retomemos a afirmação de Freud, de que o romance derradeiro de Dostoiévski “é o mais grandioso jamais escrito”. Qual seria o motivo de tamanha honraria? Seguramente, podemos afirmar que em 1928 [1927], ao abordar o tema do parricídio a partir desse romance russo, estava reencontrando na literatura – enquanto apresentação dos anseios que habitam a alma humana – dados extremamente significativos para ilustrar, com maior propriedade, a tese desenvolvida em *Totem e tabu*. Ao se ocupar do destino desses irmãos, estava criando a oportunidade de conferir maior legitimidade à verdade mítica contida nesse trabalho. Freud considerava *Totem e tabu* o seu mais importante escrito; portanto, nada melhor do que para o mais importante trabalho ter como paradigma o mais grandioso romance.

Os *Irmãos Karamazov* encenam o assassinato coletivo realizado pelos filhos da horda, diante de um pai violento e despótico que o velho Karamázov encarnava de forma exemplar. É muito elucidativo que no livro I, *História de uma família*, encontremos, nas páginas iniciais, o retorno dos filhos exilados para a casa paterna: Dimitri, com 28 anos; Ivan, com 24 anos e Aliocha com 20 anos. Uma pergunta se impõe: por que esses irmãos retornam para esse cenário de devassidão? Escolha ou designio? Dostoiévski nos concede uma resposta parcial: em relação a Mítia, este volta para cobrar uma dívida de sua herança materna com o pai; seria a dívida de três mil rublos ou a dívida do abandono e da perversidade paterna? Quanto a Ivan, se faz a mesma pergunta: por que volta? Não obtemos resposta; seria pelo abandono? Para cobrar a dívida pela loucura materna? Ou, ainda, pelo fato de ter que viver sem deus e sem pai, num mundo em que tudo é permitido? E Aliocha? Sem pergunta, sem resposta, teria dúvidas e dívidas a cobrar em nome da Possessa? Estaria buscando saber o que é ser um homem? Lembremos que, para o pai, ele era muito parecido com a mãe. A respeito de

Smerdiákov, poderíamos dizer que retorna de um exílio eterno, desde o seu nascimento, à medida que vai estabelecendo uma relação com os irmãos; por este caminho, poderia estar tendo a oportunidade de cobrar a sua paternidade, seu abandono e a violência da sua concepção? O cheiro emblemático que o seu nome anuncia estaria nos dizendo que há algo podre no “reino dos Karamázov”? Acompanhado pelo pensamento freudiano, ratificamos que esses filhos voltam mobilizados pela força do desejo, marcados pela premência da pulsão de morte em detrimento da força ligante de Eros, vêm realizar em ato o que foi impossibilitado de ser realizado simbolicamente. Padecem de um desejo não mitigado, quicá aguçado, pela figura parental, que os faz mensageiros da morte do pai e de uma reedição da sua própria morte como sujeitos desejanter, ausência da marca da alteridade. Avento a inquietante ideia que o assassinato do pai é uma tentativa de buscar um pai, enquanto função, pois, como diz Freud “o pai morto tornou-se mais forte do que o fora vivo” (1913/1969, p. 171). Este “ato” instaura a passagem do bicho-homem da natureza para a cultura; ato, este, que cada um de nós tem de realizar de forma simbólica, para nos constituirmos como sujeitos em que o desejo – movido por uma adequada sintonia entre a força disjuntiva da pulsão de morte e a força conjuntiva da pulsão sexual – torne-se menos estrangeiro e conquiste a cidadania junto ao eu.

Cada filho e irmão — Dimitri, Ivan e Smerdiákov — tem explicitado seu desejo parricida, embora quem efetue o ato seja o filho bastardo, efetuando-o em nome de todos. Freud, curiosamente, assim como Dostoiévski, deixa de fora o jovem noviço Aliocha, como se o desejo parricida e incestuoso não o habitasse. Vemos aqui um Freud reativo, que recua diante da universalidade de sua teoria, talvez por esse texto estar marcado por uma aversão “moral” pelo escritor russo, denunciando seu mal-estar diante do “pecador” que vem nesse pensador. Nesse sentido, Freud desconsidera o velho refrão jurídico, evocado por ele na Interpretação dos Sonhos: “*Praticou a ação quem dela se beneficiou*” (1900/1969, pg. 296).

Compreendo que Aliocha denuncia seus desejos à medida que fica no lugar do místico de “salva-dor”, um sofredor que evoca, no seu masoquismo, na versão moral e feminina, o gozo na dor. Sua religiosidade traz a marca de uma enérgica desmentida da força do desejo, que não pode ser reconhecida como sua. Ao ser depositário dos segredos dos irmãos, me pergunto: não estaria aí, do mesmo modo, a presença de seu desejo, projetado em seu semelhante? Postulo que sim. Diante desse entendimento, qual o seu castigo? Seus irmãos receberam o castigo pelo seu desejo criminoso: Dimitri, a prisão – culpado pelo crime de revelar seu desejo inconsciente; Ivan, a loucura – culpado pelo crime de ter transformado em ação seu desejo (roteiro do crime); Smerdiákov, o suicídio – culpado pelo crime de ser o que vive em ato a realização do desejo; e Aliocha – culpado pelo crime do seu desejo excessivamente recalçado, que retorna de maneira reativa; como, por exemplo, no preceito religioso: “Ama o teu próximo como a ti mesmo”. Perante a tese de que a todo crime corresponde um castigo, especulo que

Aliocha será um eterno errante, carregando o fardo de uma existência marcada pela renúncia do amor objetal, como se todas as mulheres seguissem pertencendo ao pai primevo, o tirano Karamazov. Nesse sentido, o jovem herói de Dostoiévski padece da impossibilidade de se haver com o próprio desejo, não descobrindo o que é ser um homem e, conseqüentemente, não podendo se perguntar o que quer uma mulher. Sendo assim, Alieksiéi Fiódorovitch constitui-se em um sujeito imerso em um mundo repleto de um desejo alienante, vivendo como um duplo dos irmãos, como se fossem a outra face da mesma moeda.

Desenvolvi até aqui a ideia freudiana da importância do desejo parricida e incestuoso, com suas interdições, na constituição do sujeito e do meio social. Ocupo-me, assim como Freud, da força da presença desse desejar nos irmãos Karamazov, que conquistam um lugar de destaque no referencial teórico da psicanálise, juntamente com Édipo e Hamlet. No discurso de Roudinesco (2003), eles representam o drama de filhos culpados, por ousarem fazer um movimento de insurreição contra o pátrio poder. Eis suas palavras: “De fato ao associar Édipo e Hamlet aos irmãos Karamazov, Freud conclui sua trilogia da revolta dos filhos contra o pai [...]” (p. 81).

Contudo, o que o nosso tempo pode dizer sobre o que não está contido, pelo menos de forma direta, no pensamento freudiano: qual o lugar do pai? Sabemos muito sobre a revolta dos filhos na família edipiana, mas sabemos pouco sobre este tão falado, mas ao mesmo tempo tão desconhecido: o pai. Freud o toma como ponto de partida do seu pensar; porém, acaba por desconsiderar a sua implicação no destino dos filhos. Isto está caracterizado pela presença na ausência de Laio, Hamlet-pai e Fiódor, na compreensão freudiana da dinâmica da constelação familiar e da cultura, desconsiderando o desejo filicida presente nesses pais. Esses filhos dramatizam um destino traçado em sua pré-história. Ser parricida, antes de tudo, é o produto da força tanática a que esses foram submetidos pelas figuras parentais – filicídio alienante<sup>4</sup>. Podemos especular que o acontecer de seus processos de narcisização se deu permeado pela *pulsão de apoderamento* (Freud, 1920/2006, p. 142), com seus mandatos

---

<sup>4</sup> No trabalho: O filicídio nosso de cada (Paim Filho e at, 2015), os autores propõem a hipótese de que o filicídio está implicado nos destinos do narcisismo primário e, por conseguinte, na estruturação do psiquismo. Por esse caminho especulam, a partir da necessidade – mesmo que impossível plenamente – do assassinato da representação narcísica primária (Leclair, 1975/1977), a ideia de um filicídio estruturante que permite a saída do universo inebriante de ser *His Majesty the baby*, fazendo a travessia do Eu-ideal para o Ideal-do-eu. Contraopondo-se teríamos um filicídio alienante, perpetuação do narcisismo primário – centro e essência da criação – com as primazias do Eu-ideal, com seus desejos estrangeiros. Como diz Dostoiévski, na epígrafe desse texto: “*Que suplicios terríveis me têm custado e custa até hoje esta sede de crer, que há tão mais forte em minha alma quanto mais numerosos são os argumentos contrários*”. Acredito que essa “sede”, não saciada, esteja vinculada à força dos imperativos categóricos oriundos dos vereditos paternos.



sadomasoquistas, oriunda dos executores da “nova ação psíquica”<sup>5</sup> (Freud, 1914/2004, p. 99). Como diz Freud:

*A criança **deve** ter melhor sorte que seus pais, não **deve** ser submetida aos mesmos imperativos [...] não **devem** valer para a criança; as leis da natureza, assim com as da sociedade, **devem** se deter diante dela, e ela **deve** realmente tornar-se de novo o centro e a essência da criação, His Majesty the Baby. A criança **deve** satisfazer os sonhos e os desejos nunca realizados dos pais [...]*

(Freud, 1914/2004, p. 110).

Ao destacar em negrito o “deve”, tenho em mente a força dos objetos primordiais, o seu determinismo nos destinos da constituição da psique da sua criança, desde um viés estruturante até ao psicopatológico. Recordemos que é através desse processo que se constitui o narcisismo primário, auge da vivência da completude em sua incompletude. Nesse sentido, ser sua majestade – o duplo dos progenitores – é fundamental, seguir sendo é a impossibilidade de uma vida singular: trilhar os caminhos inquietantes e libertadores da exogamia. Freud, em 1919/1969, pondera que o duplo depois de ter sido uma garantia da imortalidade, se perpetuado, transforma-se no mensageiro da própria morte. Morte psíquica que implica o assassinato da possibilidade da instalação da alteridade – filicídio –, que provoca o não acontecer do parricídio simbólico. Esse, uma vez impedido, lança as bases para um provável parricídio em ato.

Acredito que o nosso tempo vem agregar ao pensamento de Freud a importância do filicídio psíquico, como complemento do parricídio. Ao nos depararmos com o desejo filicida, estamos nos havendo de maneira mais ampla com a triangulação edípica, na qual surge espaço para pensarmos nos desejos de Laio – que manda assassinar o filho; de Hamlet-pai – que faz de Hamlet-filho prisioneiro do próprio desejo de vingança, que culminará com a destruição, ou melhor, o assassinato de toda a família. Podemos agregar que o pai primevo freudiano, ao exilar os filhos, deixa-os relegados à própria sorte, quando a morte era uma forte possibilidade.

O que dizer a respeito do patriarca dos Karamazov? Onde encontramos sua ação filicida? Nesse sentido, parto do pensar freudiano, quando recorda o grande romance de Dostoiévski, ao emitir um parecer sobre Caso Halsmann: “O velho Karamazov fez-se detestar pelos filhos, através de uma opressão cruel [...]” (Freud, 1931[1930]/1969, p. 287). Seguindo esta trajetória, temos que Fiódor Pávlovitch é um homem de muitas mulheres. Seus filhos trazem o sinal de sua origem, são produto do esquecimento paterno, o que determina o destino trágico de viverem exilados da presença do pai. Este esquecimento perverso, abastecido pela crueldade, pode ser considerado uma marca de fábrica tipo: “made-Karamazov”. Fiódor, como já dissemos acima, evoca de forma

<sup>5</sup> Freud não a especificou. Acredito que esteja vinculada à identificação primária – o ser identificado. Nesse sentido, essa ação teria como vetor as figuras parentais.

intensa o pai da horda primeva freudiana, aquele que expulsava os filhos homens e ficava com todas as mulheres. No “reino dos Karamazov” temos um rei-pai que não exerce a função paterna e um monarca despótico no qual imperam as regras de seu mundo narcísico, regido pela lógica de um Eu-ideal: puro prazer. A sua não existência simbólica está explicitada em sua inexistência como fundamento da lei. Seguindo este pensar, percebo no parricídio uma tentativa desesperada desses filhos de que a lei, a alteridade, se instaure. Uma busca da resolução da sua vivência narciso-tanática que venha impor limites, para que, nesse cenário do reino primevo, os personagens vividos pelos Karamazov (pai e filhos) possam adentrar numa cultura em que vigora uma ética, que faz de todos tributários da lei que interdita o desejo: filicida – parricida – incestuoso.

Antes de iniciar as considerações finais, julgo ser significativo fazer uma breve referência ao universo feminino, mais especificamente ao lugar materno, nesse romance familiar. Digo “breve referência”, pois meu objetivo foi e segue sendo fazer uma reflexão sobre o parricídio e suas vicissitudes na constituição do sujeito e da cultura. Como descrevi acima, as mães do “reino dos Karamazov” são ditas como a prostituta, a louca e a débil mental, destinadas à morte precoce, deixando seus filhos entregues a uma sina funesta. Provavelmente, essas mulheres, que foram pouco mães, entram no processo filicida à medida que ficam impossibilitadas de exercer a função de dar legitimidade ao lugar do pai e, conseqüentemente, ao seu lugar da mãe. Talvez pela falta de um homem que pudesse ser reconhecido como pai, como aquele que dá sustentação para a mãe com seu bebê. Nas palavras de Freud: “a mãe que alimenta o pai, que protege” (1914/2004, p. 107). Lembro aqui a conhecida frase atribuída à cultura judaica: “a mãe é uma certeza, o pai é uma hipótese”, portanto há de ser construído o lugar do pai enquanto função. Dando seqüência a esta acepção, evoco o pensamento de Lacan (1998/1999): através do olhar da mãe, do seu investimento como objeto do desejo, o pai é nomeado. Destarte, o contraponto que poderia ter sido estabelecido pelas mulheres desse reino em relação aos seus filhos não ocorre. Com isso, essa prole traz em sua alma a marca do duplo abandono, materno e paterno: resta-lhes o fado de uma repetição demoníaca, que visa cumprir os desígnios ditados pelas normas que vigoram no mais além do princípio do prazer – nos “*fueros*” (Freud, 1896/1986, p.209), marcas traumáticas precoces que sobrevivem, tal qual “[...] un espíritu no redimido, no se apacigua hasta recibir la solución y redención” (Freud. 1909/1986, p. 99).

Concluindo, com o deus-pai morto pela via simbólica, não teremos a instalação do princípio niilista do “tudo permitido”; mas, sim, uma ética do desejo, em que o permitido e o não permitido serão produto da reflexão do sujeito e da sua cultura, na qual a responsabilidade pela sua manutenção é compartilhada por todos. Quando falo da ética do desejo e da sua concomitante responsabilidade, recordo a premência de uma das falas no “Grande Inquisidor”: *“Esqueceste então de que o homem prefere a paz e até a morte à liberdade de discernir o bem e o mal? Não há nada de mais sedutor para o homem*

*do que o livre-arbítrio, mas nada de mais doloroso*” (Dostoiévski, 1880/2002, p. 266-267). Sim, sedutor e doloroso, de um lado, cria a possibilidade de uma maior autonomia e alargamento da capacidade criativa – dentro do escopo da sobre-determinação do inconsciente – e, por outro, implica no reconhecimento dos limites de nossa liberdade de compreensão para discernir entre o bem e o mal (Tanatos *versus* Eros), do qual somos constituídos e, por conseguinte, estão envolvidos em nossas preferências. Dando sustentação à máxima que diz: toda escolha determina uma renúncia.

Para que sigamos pensando a inter-relação entre o filicídio e o parricídio permeada por uma ética, deixo o pensar de Dostoiévski nas palavras de Aliocha. Escutemos suas ponderações sobre a importância das boas recordações infantis da casa paterna – *o pedaço de agir mal* – de que, como sabemos, esses irmãos foram privados, para alcançarmos a “salva-ção”, ou melhor, dizendo com palavras minhas: para que o parricídio e o filicídio sejam construídos como metáfora e não como ação:

*Sabem que não há nada mais nobre, mais forte, mais são e mais útil na vida que uma boa recordação, sobretudo provindo da juventude da casa paterna. [...], uma recordação santa, conservada desde a infância, talvez seja a melhor educação. Se fizermos provisão de tais recordações para a vida, salvamo-nos definitivamente. [...], talvez precisamente esta recordação o pedaço de agir mal.*

(Dostoiévski, 1880/2002, p. 741).

Este artigo tem por meta repensar o parricídio a partir das ideias desenvolvidas por Freud em 1928 [1927], no trabalho “Dostoiévski e o Parricídio”, tomando como ponto de referência o romance familiar dos Irmãos Karamazov. O autor propõe uma ampliação do pensamento freudiano, desenvolve algumas ideias a respeito da antítese complementar do parricídio: o filicídio. Esse que será determinante nos destinos do vir a ser do desejo parricida.

**Dostoiévski and the parricide: from Freud to our time** (A rereading)

**Abstract:** This article aims rethinking the parricide from the ideas developed by Freud in 1927, in his work “Dostoiévski and the Parricide”, taking as a reference the family romance “The brothers Karamazov”. The author purposes the magnifying of Freud’s thought, developing some ideas about the complementary antithesis of the parricide: the filicide. This one that will determine the destinations of the becoming from the parricide desire.

**Key words:** parricide; filicide; narcissism; The Brothers Karamazov.

**Dostoiévski y el parricidio: desde Freud hasta nuestro tiempo** (Una relectura)

**Resumen:** Este artículo tiene por meta repensar el parricidio a partir de las ideas desarrolladas por Freud en 1927, en la obra “Dostoiévski y el Parricidio”, tomando como punto de referencia el romance familiar de “Los Hermanos Karamazov”. El autor plantea una ampliación del pensamiento freudiano, desarrollando algunas ideas acerca de la antítesis complementaria del parricidio: el filicidio. Ese que será determinante en los destinos del venir a ser del deseo parricidio.

**Palabras clave:** parricidio; filicidio; narcisismo; Los Hermanos Karamázov.

## Referências

- Carpeaux, O. M. (2002). Prefácio. In: Dostoiévski, F. *Os irmãos Karamazov*. (N. Nunes e O. Mendes, Trans.). Rio de Janeiro: Ediouro.
- Dostoiévski, F. (2002) *Os irmãos Karamazov*. (N. Nunes e O. Mendes, Trans.) Rio de Janeiro: Ediouro. (Trabalho original publicado em 1880).
- Freud, S. (1986). Carta de 15 de outubro. In: S. Freud, *Correspondência completa de Sigmund Freud e Wilhelm Fliess* (Vera Ribiero, Trad., pp. 271-274). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1897).
- Freud, S. (1986). Carta de 06 de dezembro. In: S. Freud, *Correspondência completa de Sigmund Freud e Wilhelm Fliess* (Vera Ribiero, Trad., pp. 208-215). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (1969). A interpretação dos sonhos – o trabalho de deslocamento. In: S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 4, pp. 294-297). Rio de Janeiro. Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S (1986). Análisis de una fobia en un niño de cinco años. In: S. Freud, *obras completas de Sigmund Freud* (J.L. Etcheverry, Trad., Vol. 10, pp. 03-117). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1909).
- Freud, S. (1969). *Totem e tabu*. In: S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 13, pp. 13-191). Rio de Janeiro. Imago. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. A. (2004). Guia de introdução ao narcisismo. In: S. Freud, *Escritos da psicologia do inconsciente de Sigmund Freud* (L. Hans, Trad., Vol. 1, pp. 95-131). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1969). O estranho. In: S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 17, pp. 273-318) Rio de Janeiro. Imago. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. A (2006). Além do princípio do prazer. In: S. Freud, *Escritos da psicologia do inconsciente de Sigmund Freud* (L. Hans, Trad., Vol. 2, pp. 123-198). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1969). O parecer do perito no caso Halsmann. In: S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 21, pp. 287-289). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1931 [1930]).
- Freud, S. (1969). Dostoiévski e o parricídio. In: S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 21, pp. 203-223). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1928 [1927]).
- Freud, S. (1969). Apêndice: Carta de Freud a Theodor Reik. In: S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 21, pp. 225-227). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1929).
- Freud, S. (1969). Esboço de psicanálise. In: S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 23, pp. 165-237). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940[1938]).
- Lacan, J. (1999). Os três tempos do Édipo. In: J. Lacan, *O seminário livro 5: as formações do inconsciente*. (Vera Ribiero, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1998 – Seminários realizados em 1957-1958).
- Leclair S. (1977). *Mata-se uma criança: um estudo sobre o narcisismo primário e a pulsão de morte*. (Anamaria Skinner Styzei, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1975).
- Paim Filho et al. (2015). O Filicídio nosso de cada dia. In: *Simpósio do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre* Porto Alegre, março de 2015.

## **Dostoiévski e o parricídio: de Freud ao nosso tempo (Uma releitura)**

Revista CULT/biografia e crítica (2002), número 59 (p. 45-66). São Paulo: Editora 17.

Roudinesco, E. (2003). O filho culpado. In: E. Roudinesco. *A família em desordem*. (A. Telles, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 2002).

Ignácio Alves Paim Filho  
Rua Felipe Neri, 457/401  
Porto Alegre – RS  
90.440-150  
paimiga@terra.com.br